

CAIXA PARA GUARDAR O VAZIO

Artes Visuais x

Dança x

FERNANDA FRAGATEIRO E ALDARA BIZARRO

EXPOSIÇÃO

10 NOV – 1 DEZ

TER–DOM 11:00–18:00

Entrada gratuita

PERFORMANCE

23, 24, 30 NOV, 1 DEZ

SÁB–DOM 15:00, 17:00

Preço único 5€

Duração 75 min

M/6

Caixa para guardar o vazio é um projeto de Fernanda Fragateiro no qual se conjuga a escultura, a *performance* e o envolvimento do espectador. Criado primeiramente para o Teatro Viriato em Viseu, em 2005, trata-se de um dispositivo espacial, uma construção em madeira que, partindo da forma simples de um grande paralelepípedo, se abre e desdobra para ir revelando o trabalho performativo concebido pela coreógrafa Aldara Bizarro e desempenhado por dois *performers*. As ações que, aos poucos, vão desvelando o interior da estrutura entram em diálogo silencioso com o espectador, criando expectativas e construindo uma narrativa nascida das múltiplas possibilidades de metamorfose da escultura que, progressivamente, vai encontrando diferentes configurações.

A obra é um objeto híbrido. Por um lado, é uma escultura que se filia em linhas de desenvolvimento da escultura no século XX: desde o construtivismo, Vladimir Tatlin, El Lissitzky e a preocupação com uma arte socialmente funcional, até ao minimalismo de Donald Judd e a ligação arquitetónica de Gordon Matta-Clark e Dan Graham. Por outro lado, é um dispositivo, uma máquina concebida para o desenrolar de uma *performance* que a ativa e lhe concede novas significações. Este processo performativo, desempenhado por dois bailarinos segundo a coreografia criada por Aldara Bizarro, acontece em ações para grupos de espectadores de idades e contextos sociais muito díspares, que são convidados a irem descobrindo o interior da Caixa, gradualmente oferecido ao olhar, à curiosidade e à exploração. Trata-se de um processo quase narrativo, de uma ficção paradoxal a partir das articulações que permitem a metamorfose do paralelepípedo, a sua abertura real e figurada – como a disponibilidade para a descoberta pelos espectadores.

A escultura-dispositivo é também votada ao tato. Recorre a estratégias que visam gerar hapticidade, compelindo (pelo carácter suave do contraplacado, pela sua temperatura tépida) ao toque, à habitabilidade e ao uso. Sendo uma escultura que solicita o toque – que é, precisamente o proibido da escultura histórica – aproxima-se da arquitetura – esta, sim –, concebida e edificada para ser vivida, tocada e acolher o corpo. As ações que ativam a Caixa utilizam de sobremaneira esta possibilidade, transformando-a num casulo acolhedor, na metáfora de uma habitação.

Nesse sentido, a Caixa representa também a proposta de uma comunidade de utilizadores, ou seja, a partir de um conjunto de gestos e procedimentos levados a cabo pelos *performers*, de construir elos e laços de cumplicidade e partilha que convertem o grupo de participantes numa

pequena comunidade de fruidores. O caminho que este processo despoleta é simultaneamente lúdico e socialmente ativo porque é através da ação e da partilha que o jogo se instaura e, por ele, a fruição artística acontece. No fundo, trata-se de fazer convergir universos muito díspares e frequentemente tomados por formas contraditórias na arte contemporânea – uma tónica na forma, presente no enorme cuidado do desenho (e do acabamento) da estrutura e da coreografia de gestos, e uma preocupação com as funções comunitárias da prática artística – colocadas ao serviço de uma partilha estética e de uma configuração social.

Esta peça recupera, portanto, a noção de confluência intersubjetiva – de uma ideia de comunidade que é produzida pela partilha das várias subjetividades – presente no Romantismo, como também a noção de que esta comunidade nasce da sensibilidade, da estética – por outras de partilha do sensível, na expressão do filósofo francês Jacques Rancière.

Nesta apresentação na Culturgest, pela primeira vez, estão disponíveis os desenhos preparatórios e as duas maquetas que a artista realizou durante a criação da obra, desvelando parte desse processo, na esteira do que Fernanda Fragateiro tem vindo a realizar nos últimos anos.

Caixa para guardar o vazio, na sua condição de objeto atípico, entre o performativo, o escultórico e o celebratório, constitui hoje, década e meia depois de ter sido concebido, um ponto fundamental do percurso de Fernanda Fragateiro, mas também uma importante reflexão sobre a condição artística, a sua plasticidade, a capacidade de ativar o envolvimento do espectador e representar a esperança de que um momento de partilha coletiva pode constituir um processo transformador movido pela sensibilidade.



© Carlos Fernandes

FERNANDA FRAGATEIRO

Montijo, 1962. Vive e trabalha em Lisboa. Expõe individualmente desde 1981. O seu trabalho, incidindo num primeiro momento na área da escultura ou da tridimensionalidade, está profundamente ligado a uma crítica do modernismo, desenvolvendo-se em projetos que possuem ressonâncias políticas, antropológicas e sociais. Com um longo percurso de intervenções em projetos públicos e colaborações com arquitetos, tem vindo a apresentar regularmente o seu trabalho na Europa, nos Estados Unidos da América e na América Latina.

Encontra-se representada em inúmeras coleções públicas em Portugal, Espanha, Colômbia, Estados Unidos da América e Áustria.

ALDARA BIZARRO

Maputo, 1965. Estudou dança em Luanda, Lisboa, Nova Iorque e Berlim. Como intérprete trabalhou com Paula Massano, Rui Horta, Paulo Ribeiro, Francisco Camacho e Madalena Victorino. Começou a coreografar em 1990 com a peça *me my self and Influências*, premiada no IV *workshop* coreográfico da Companhia de Dança de Lisboa. Desde então, assina as suas peças. *A Nova Bailarina* foi distinguida pelo jornal *Público* como uma das melhores peças de 2011. Foi diretora artística da Jangada, uma estrutura de dança financiada pela Direção-Geral das Artes, durante 16 anos. Atualmente desenvolve projetos para jovens e para a comunidade, cruzando a dança com outras artes, com enfoque na componente artística, social e pedagógica.



Fernanda Fragateiro has built a box of wood, steel and mirrors specifically for children, a large closed box in the galleries of Culturgest. What lies inside?

Caixa para guardar o vazio (2005) is a sculpture, but also an event, challenging the audience, individually or together, to discover the place with their bodies and senses. The box is activated by the bodies of two dancers, in dialogue with each other and with the audience, through Aldara Bizarro's choreography, leading everyone to look, dance, interpret, discover and feel.

AUTORIA

Fernanda Fragateiro

COLABORAÇÃO

Filipe Meireles

COREOGRAFIA

Aldara Bizarro

COM

Sofia Portugal

Lucas Lagomarsinol (23, 24 NOV)

Hugo Mendes (30 NOV, 1 DEZ)

PRODUÇÃO

Teatro Viriato

COPRODUÇÃO

Teatro Viriato

A Oficina

Teatro Aveirense

Câmara Municipal Santa Maria da Feira

Teatro Municipal da Guarda

CCB

MECENAS

Patinter

Fundação "La Caixa"

Habideco

Brevemente

MARINA NABAIS

Famílias x

Dança x

EM BRANCO

16 – 17 NOV 2019

SÁB, DOM 16:00

Pequeno Auditório

Duração 55 min

M/6

Famílias x

Música x

Cinema x

CINANIMA

7 DEZ 2019

SÁB 16:00

Grande Auditório

Duração 60 min

M/6

Culturgest